

# BARCELLENSE

C. M. B.  
Biblioteca

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

VII SERIE

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Por trimestre . . . . . 240 rs.

Franco de porte . . . . . 260 "

Numero avulso . . . . . 30 "

Assigna-se em Barcellos, na casa de

A. J. Monteiro de Lima, rua Direita.

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

QUINTA-FEIRA 23 DE JUNHO DE 1881

PREÇOS DOS ANUNCIOS

Na mesma casa recebem-se annun-

cios e correspondencias a 30 rs. por

linha, com abatimento aos srs. assignan-

tes da 4.ª parte—annuncios repetidos

15 réis.

NUMERO 6

Barcellos, 23

Na Italia, ha dous mezes, que os ministerios se succedem uns aos outros sem que possam encontrar maioria na camara dos snrs. deputados. Todas as combinações fallham e el-rei obstina-se em não conceder a dissolução d'aquella camara, que não torna viavel qualquer ministerio. El-rei entende, que o paiz no estado de exaltação em que se acha, não deve ser consultado, e os ministerios, uns após d'outros, lá vão passando vida amargurada, até que possam lograr o encerramento das camaras, que dê lugar a acalmar-se as paixões, e el-rei possa vêr melhor o que convem fazer, segundo as circumstancias do Estado.

O que succedeu na Italia succedeu igualmente no Brazil, onde um ministerio, que tinha grande maioria na camara dos snrs. deputados pediu a sua recomposição, que lhe foi concedida, mas ainda assim, não se tornando viavel, pediu a sua exoneração, que lhe foi accete. No Brazil o Imperador não dissolveu a camara e obrigou os homens que chamara a servir com ella, e lá foi caminhando, até que acertou:—a camara vive e o ministerio com ella, chegando ao periodo regular de poder ser consultado o paiz.

O snr. D. Luiz 1.º tinha lá fóra tantos exemplos, que agora mesmo se estão dando, com pessoas de familia, mas não quiz aproveitar-se d'elles, e entendeu por melhor ceder «a um favorito» as prerogativas reaes, e que uma segunda pessoa indignada por «elle» formasse ministerio!

Foi mais longe, porque concedeu a dissolução da camara popular, sem discussão do orçamento, já submetido á approvação dos dignos pares!!

E como um abysmo chama outro, El-rei não parou;—o ministerio tomou a dictadura, e lá vai arrecadar impostos, que não estão autorisados pelas camaras!

Este facto é virgem tanto lá fóra como na historia do nosso paiz, e pode trazer consigo graves perturbacões e ser victima d'ellas o snr. D. Luiz 1.º.

E não tem de que se queixar,—

porque sendo o primeiro cidadão do paiz, a quem incumbe, mais de perto, vigiar pela fiel execução da Constituição, afasta-se do seu sentido, para em prejuizo da nação e das boas praticas constitucionaes, conceder graças «a um favorito», que forçosamente o tem de ferir e prejudicar.

Se o snr. D. Luiz 1.º não respeita a Constituição, sendo quem mais interessa pela manutenção dos bons principios, não pode exigir da nação e dos seus subordinados a consideração e respeito, que se deve a tão alta jerarchia, e correm risco por essa forma as instituições, o monarcha e a monarchia.

O partido progressista subiu ao poder, por não poder governar o partido regenerador, não obstante ter grandes maiorias em ambas as casas do parlamento;—e não podia governar porque sem dinheiro não se governa, e defronte estava a banca-rola.

Regularisada a fazenda publica com o mais improbo e ingrato trabalho pelo partido progressista, «fasia arraujo ao favorito d'El-rei» lançar mão do poder, como lançou com o apoio dos arruaceiros da camara dos pares, que pela maior parte vivendo do orçamento, não levavam a bem os côrtes, que ia soffrendo em beneficio dos contribuintes e da nação.

O snr. D. Luiz 1.º desconsiderou os seus leaes servidores, que pediram a reconstrucção do ministerio;—e mais desconsiderou a leal camara dos snrs. deputados, que não pediu, que a sustentasse, mas unicamente tempo para approvação do orçamento pela camara dos dignos pares, com o fim unico visivel de não sermos roubados, como tem acontecido até aqui.

Não o entendeu assim El-rei, porque á mensagem da camara dos snrs. deputados, respondeu-lhe com o decreto da dissolução, e concedeu ao ministerio a graça da «dictadura», menosprezando a Constituição!

O snr. D. Luiz 1.º não vê bem o que se está passando, nem procura regular os seus actos pelos de fóra, ainda que conheça, que são bons.

Na França, ás camaras legislativas esta-se aproximando o periodo da sua renovação, e na camara dos

snrs. deputados foi apresentada uma proposta para proximo encerramento. Houve discussão e recalhando votação sobre aquella proposta, toda a camara, sem distincção de partidos, votou para que se não encerrasse o parlamento sem que primeiro ficasse approvedo o orçamento.

Na Hespanha, como sabem, cahiu o ministerio, formando-se um outro, que não tem maioria em ambas as casas do parlamento;—mas o novo ministerio entendeu que a não devia dissolver sem primeiro approvar o orçamento, o que se praticou.

Entre nós, que temos visto gastar á farta, e até com orgias, não se quer orçamento, e menos a lei de contabilidade publica porque com esta não se pode exceder o orçamento, tendo como vigia e responsavel o Tribunal de Contas.

Grave é a responsabilidade do snr. D. Luiz 1.º por não querer vêr o que é de tão facil comprehensão. Se o não está, parece, que o snr. D. Luiz 1.º está apostado com os snrs. ministros ou antes com o «seu desleal favorito» a levar-nos ao abysmo, ao desespero, á bancarota, e como consequencia necessaria á perda da nossa nacionalidade!

O snr. D. Luiz 1.º esqueceu-se, que sua mãe, a snr.ª D. Maria 2.ª passou pelos maiores desgostos e soffrimentos por causa de um homem, em que confiou demais—este homem denominava-se então, o conde de Thomar. A revolta d'Almeida, e em seguida a da Maria da Fonte está na memoria de todos.

Então, como agora, os que bem pensavam, e prediziam as consequencias inevitaveis do futuro, que estão hoje tradusidas em factos e realidades—eram insultados e escarnecidos, e tidos á conta de doudos, mentecaptos, rotos, petroleiros—homens insignificantes, sem juizo, nem tino, que não podiam ser tidos á conta de politicos.

Lembramos aqui a historia do official hespanhol em resposta ao insulto, que o official da Rainha dirigia á junta do Porto, que no seu entender, era composta de meia dúzia de rotos!

Ahl sim, disia o official hespanhol não sei como a Rainha incommodou por tão pouco tres na-

ções!—se para combater «meia dúzia de rotos» são precisas tres nações, se elles estivessem remendados nem a Europa inteira, e como nós outros limpos e acceados, nem Deus nem a Virgem Santa debellaria a semelhantes demonios.

Queremos dizer com isto, que é preciso não confiar demais;—a Europa agita-se e revoluciona-se e entre nós presente-se o mal agravar-se pela falta de confiança.

Foi um grande erro, que hade ter as suas consequencias, não deixar discutir o orçamento na camara dos pares, onde o governo tinha maioria. Foi um erro ainda maior consentir o snr. D. Luiz 1.º, que o ministerio se constitua em dictadura para a cobrança de impostos, que só as côrtes podem auctorisar.

Accresce a tudo isto, o poderio do snr. Fontes, cuja ascendencia sobre El-rei está determinada por certos factos, que converte em seu proveito, em detrimento da rotação dos partidos. El-rei precisa ser mais prudente e cautelozo, e não confiar tanto no snr. Fontes, para não lhe acontecer o que aconteceu a sua mãe, a snr.ª D. Maria 2.ª

Cunha Ozorio

## A TABOADA

Ai de nós! se assim vier  
a succeder

Soubemos mui confidencialmente, e mui confidencialmente o vimos aqui relatar a nossos leitores, pedindo-lhes toda a reserva e o maior segredo, não fazendo d'elle confidentes seus proprios travesseiros, um caso memorando, um successo estupendo que está para nos succeder talvez,—ai de nós!—que tão descuidados vivamos *n'este jardim da Europa á beira-mar plantado*... Só o lembrar-me de que assim pode vir á ser me gela o sangue nas veias, e faz estremecer os membros de horror!.. Como me acode á lembrança, em conjunctura tão terrivel, o sublime Virgilio: *Frigidus horror membra quatit.*

Sem mais preambulos que só poderião servir para aguçar a curiosidade e para avolumar o susto, ahí solto a triste nóva, amortalhada em suspiros cá do fundo. ....

Pretendem—ai de nós!...— levar-nos D. Badana... roubar-nos a flor mais viçosa e perfumada de nossos jardins, o pomio mais sasonado e formoso de nossos pomares, a aura mais suave de nosso clima, a estrella mais deslumbrante do nosso ceo, a joia mais valiosa e iriada de nosso thesouro!... Choremos todos sobre o caso, choremos até as nossas derradeiras lagrimas. ....

Acham-se, sabemol-o de boa fonte, entabuladas negociações diplomaticas o mais accesas, trocando-se diariamente notas e protocolos entre os ministerios de França e Portugal, por intermedio dos respectivos plenipotenciarios, para que o nosso paiz ceda áquelle o D. Badana. ....

Não faz a grande republica questão do preço da cessão, e não pôde duvida, em troco d'elle, saldar todas as nossas dividas, concluir a rede de nossos caminhos de ferro, construir a ponte sobre o Douro e outra sobre o Tejo, de Lisboa ao Barreiro com um ramal para Cacilhas, abrir o porto de Leixões, e, há quem suspeite que de concessão, de promessa em promessa, irá a França na sua ambição de possuir D. Badana, até nol-o pagar, se isso exigirmos e se, com isso nos contentarmos, por preço igual á fabulosa indemnisação que pagou á Prussia em 1871. ....

Bem pobres estamos nós e em bem criticas e precarias circumstancias, mas não obstante aconselho e aconselharei sempre ao velho e glorioso Portugal que mais uma vez responda á França e suas propostas com aquelle soberbo «Não!» tradicional, com que os nossos embaixadores maravilhavam Napoleão o Grande, quando no auge do seu poderio immenso. ....

Com a bréca que nos levem, ainda que isso bem nos peze e nos corra de magoa e vergonha, a Zambezia, Lourenço Marques, Bolama, Goa e Macau, uma e todas as preciosas colonias que ainda nos restam da opulentissima herança que em terras d'além mar nos deixaram nossos avós; que nos expropiem Gil Vicente, João de Barros, Garrett e até o proprio Camões—ai!—até o proprio Camões, mas que nos deixem D. Badana, a maior e a mais incontestavel de nossas glorias!...

E se porfiarem os do paiz dos Gallos em querel-o a troco de tudo e a despeito de tudo, e se appellarem, não nos vencendo pelas dadias, para as armas na conquista do nosso thesouro, que o povo se levante em massa como um só homem, que cada um dos filhos d'este nobre e valente paiz, se varão, seja

D. Alvaro Vaz d'Almada, justamente cognominado pela historia o «ultimo cavalleiro,» se fêmea, uma nova Padeira d'Aljubarrota. e a elles, vamos a elles, oh descendentes dos heroes que na Roliga, em Vimieiro, no Bussaco, na Redinha, em Fuentes de Onoro, em Victoria e Tolosa fizeram sentir aos francezes o peso do braço portuguez.

Arrisque-se tudo para conservarmos o D. Badana, a nossa honra, e nossa gloria, o nosso Santo Antoninho!...

Mas a que proposito e para que fim aspira a França e tanto forceja com e por nós desaposar d'elle?!... Será como homem d'estado e de governo que nol-o inveja?... ou como capacidade intellectual da primeira plana?... ou como escriptor de cupho verdadeiramente assombroso e incomparavel?...

Não, meu hom José Povinho, não é debaixo de nenhuma d'essas feições, embora bem caracteristicas de sua personalidade e de todo o ponto invejaveis, que Pariz trabalha por nós roubar D. Badana... Outro e mui diverso o motivo de sua ambição, e outro e mui diverso o fim a que mira com a realisção d'esta.

Eil-as.

De todos é sabido que a França, ou antes a sua capital, Pariz, governa e dirige o mundo civilizado, e caminha na vanguarda de todas as nações e povos, como facto luminoso que lhes serve de guia, por seus sabios, seus artistas sua politica e sua litteratura, e não menos e mais talvez do que por tudo isso pela «Moda,» soberano cujos edictos são indiscutíveis e que allí tem seu trono firmado nas maravilhosas agulhas das magicas costureiras e thesouros dos insignes alfaiates. Mais de todos é sabido que para manter a sua auctoridade e soberania intellectual Pariz atrae a si e absorve com poder e força irresistíveis as primeiras capacidades tanto de França como do estrangeiro. Pois de igual modo para que sustente sua supremacia, se não gloriosa e brilhante como aquella, mais solida e rendosa, sobre a Moda, precisa de chamar a si e a si chama as mulheres e os homens mais elegantes do globo, para em umas e outros ensaiar os novos typos de *toilettes* e vestuarios, e faze-los na suprema elegancia dos corpos em que vestidos sancionam pelo gosto e favor publicos, nos campos Elysios, em Longchamps, no Bosque de Bolonha e na grande Opera, d'onde irradiam para toda a parte na conquista do mundo.

Ora chegou á noticia de Paris, levada pelas cem trombetas da fama que n'este cantinho do mundo, a quem os antigos não sem razão chamaram *Barca do ceu* (*Barca celi*) e corrupto vocabulo *Burcellos*) apparecera e existia um mancebo tão formoso e elegante que algumas o confundiam com Adonis, e outras,

como Eecho, receiavam o apaixonar-se por elle com o justificado receio de o verem namorado, qual outro Narciso, de si mesmo, e assim despresando sua paixão. Chamava-se, mais apregoou a fama, esse deslumbrante moço D. Badana, e, acrescentava a linguareira, quando elle sae á rua, apimorado como um palmito pelas suas duas pupillas, e inspiradoras, acolhe-o um murmuro geral de admiração, tremem os paes de familia, mordem-se e damnam-se d'inveja todos os janotas, *dandys*, *petits-crévés*, as donsellas sentem-se irresistivelmente captivas de seu moigo olhar, das guias tão bem lançadas do seu bigode, do tão artistico dardejar de sua lueta, do lusidio e brilhante de seus cabellos pretos como aza de corvo, do luminoso de sua fronte, de seus ares finamente aristocraticos, e da suprema elegancia do seu todo, as velhas conhecem que o coração lhes revive no seio e lhes bate noventa pulsções por minuto, e tudo se verga ao mais simples aceno da rosa ou cravo que constantemente empunha na dextra.

E Paris, o grande e explenoroso centro do mundo, desde que soube da existencia de D. Badana e dos predicados que o revestem, começou de arroubar-se de amores por elle, não mais pôde pregar olho, sobrevivendo-lhe enormes olheiras, perdeu tolo o appetite, despresou todos os seus praseres e distracções, sentiu-se uma alma morta n'um corpo morto, e ameaça deixar-se delinhar de paixão se lhe não dêrem D. Badana, que diz seu de mais ninguem, e que tem por indispensavel dentro de seus muros para complemento de sua gloria e dos altos destinos para que fadada.

Eis a razão por que a França, que nada quer nem pode recusar a Paris, emprega tão gigantes esforços para obter de Portugal, custe o que custar, a cessão do nosso homem.

Morra, porém, muito embora Paris, esticando a canella de paixão por D. Badana, não h'io devemos ceder! sobre conservarmos, d'este modo, a nossa primeira gloria contemporanea que devemos defender como thesouro sem preço, ajustaremos com a França as contas ainda não saldadas do *Charles et George*, e creio que que ficaremos bem pagos, pois vale-o bem!

## INTERIORES

Os titeres do sr. Fontes já tem os pulsos cansados d'assignar demissões e transferencias d'empregados que «não fazem arranjo» á gente disarruças.

Nunca se viram n'este paiz tantas e tão monstruosas indignidades.

O nojentissimo sr. Bazorra, descendente d'Isariote e traidor como elle, desceu á infamia de transferir, e para uma ilha, o honradissimo

delegado do Porto de Moz, por ter querellado d'um galopin d'essa comarca!

E um typo d'estes é ministro da justiça!

Esse governo indecente, vergonhoso eterno de Portugal, tem já montado a «machina», e pensa em «fazer a seu modo» a eleição geral no meiado d'agosto, convocando, diz-se, as cortes extraordinariamente em setembro.

Espera-se que essa eleição seja «liberrima» como foram as dos Cabraes...

Depois d'isso o sr. Antonio Rodrigues Sampaio será elevado a duque de Thomar, por ter excedido o sr. marquez do mesmo titulo.

O passado do auctor do «Espectro» não resuscitará, porque assim o «ordenou» o novissimo sr. Sampaio.

E é tambem essa a vontade d'el supremo o sr. D. Antonio Maria.

O parlamento, a imprensa e o povo assim o tenham entendido e façam executar...

Tomem, se é possivel, a serio um governo d'esses, que nós folgamos com isso, porque nos faz arranjo.

Aproxima-nos do nosso ideal, o mais depressa do que nós misms haviamos calculado.

Avante, amigos, que o sois realmente, sem ser esse, bem sabemos o vosso desejo.

—O manifesto dos ex-deputados progressistas não agradou á gente d'Alcoy.

Antes do ser publicado inventou a baldomeria que alguns cavalleiros se recusavam a assignal-o, indicando entre outros o digno par do reino o sr. Luiz de Campos.

Tem graça os assalariados do sr. Fontes, mas foram de todo infelizes e estupidos quando queriam que os pares do reino assignassem um manifesto dirigido ao paiz pelos que foram seus representantes na camara electiva.

Depois que a imprensa progressista publicou o manifesto, e viram os bandalhos do sr. Fontes (o Antonio Maria) insultam por todos os lados os seus adversarios, mas não dizem que estes não de ficar «todos» fora da camara.

Sentimos que o projectado codigo administrativo não fosse convertido em lei.

N'esse caso talvez ficassem «todos» dentro da camara.

D'isso fugiram e fogem a pés de cavallo todos os côcos, e para isso que se encommendaram as arruças.

Mas depois de tempo... tempo vem Temos fé.

W

## ESTRANGEIRO

Os factos vieram confirmar a inutilidade do esforço do sr. Gambetta, e dos seus amigos politicos para fazerem virar no senado francez o projecto de lei sobre a eleição por lista.

Entrando em discussão a proposta do deputado Bardoux, foi vigorosamente defendida pelo sr. Miland, unico senador da commissão que lhe dera parecer que lhe era favoravel, e tambem com não menos energia o foi pelo sr. Dauphin de frente, porér, a estes apresentaram-se «tous combatentes de gran-

## VARIÉDADES

*Ludgero e o asphalto.*—(Nova imitação do conto *A formiga e a neve.*)

—Tão forte és tu, asphalto, que meu pé prendes?

«Mais forte é a luneta ludgerina que me derrete.

—Tão forte és tu, luneta ludgerina, que derretes o asphalto que meu pé prende?

«Mais fortes são as Giboias que me limpam.

—Tão fortes sois vós, Giboias, que limpais a luneta ludgerina que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Badana que nos sustenta e beijoca.

—Tão forte és tu, Badana, que sustentas e beijocas as Giboias que limpam a luneta ludgerina que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Vacca Brava que me paga o jornal de 400 réis.

—Tão forte és tu, Vacca Brava, que pagas o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Frei Gil que me manda.

—Tão forte és tu, Frei Gil, que mandas o Vacca Brava, que paga o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Calça Larga que me esfolla.

—Tão forte és tu, Calça Larga, que esfollas Frei Gil, que manda o Vacca Brava, que paga o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o pasquim do Apoio que me exalta e agiganta.

—Tão forte és tu, pasquim do Apoio que exaltas e agigantas o Calça Larga, que esfolla Frei Gil, que manda o Vacca Brava, que paga o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mas forte é Lord Trapo que com os seus escriptos immundos me suja?

—Tão forte és tu, Lord Trapo, que com teus escriptos immundos sujas o pasquim do Apoio, que exalta

e agiganta o Calça Larga, que esfolla Frei Gil, que manda o Vacca Brava, que paga o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Praxista que, apesar de não haver metido Virgilio entre linhas, sabe mais latim do que eu.

—Tão forte és tu, Praxista, que, apesar de não teres metido o Virgilio entre linhas, sabes mais latim do que Lord Trapo, que com seus escriptos immundos suja o pasquim do Apoio, que exalta e agiganta o Calça Larga, que esfolla Frei Gil, que manda o Vacca Brava, que paga o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Teixugo que corresponde ás minhas doces fallas e meiguices com suas grosserias e regateiradas.

—Tão forte és tu, Teixugo, que correspondeste com grosserias e regateiradas ás doces fallas e meiguices do Praxista, que apesar de não ter metido entre linhas o Virgilio sabe mais latim que Lord Trapo, que com seus escriptos immundos suja o pasquim do Apoio, que exalta e agiganta o Calça Larga, que esfolla o Frei Gil, que manda o Vacca Brava, que paga o jornal de 400 réis ao Badana, que sustenta e beijoca as Giboias, que limpam a luneta ludgerina, que derrete o asphalto que meu pé prende?

«Mais forte é o Secretario Geral do concelho, que tudo sabe e é um home... e vive muito xastifeito... E

Pirolito que bate que bate

Pirolito que já bateu.

Quem gosta de mim é elle

Quem gosta d'elle sou eu!

o Clorias.

## COMMUNICADOS

Sr. Redactor do Barcelense

Diz-me respeito uma local inserta no n.º 3 do seu muito lido e acreditado jornal, que me recommenda de fiscalisar o modo como o meu Escrivão processa os autos, accumulando termos desnecessarios para produzir maiores custas.

Se assim acontecesse seria eu conivente em tal maneira de proceder; mas os processos tem a forma que a lei lhe imprime e se algum se a fastasse d'essa norma seria motivo de suspensão para o empregado.

Eu não encontrei até hoje processo algum que seja instaurado

segundo os artigos prescriptos pelo C. do Processo; patentes se acham elles a quem os quizer examinar.

Por conseguinte as partes ou as pessoas que se lhe têm queixado, queixem-se da Lei e não dos empregados porque estes tem direito aos emolumentos que aquella lhes faculta.

Quanto aos requerimentos serem feitos por este ou por aquelle, não é de minha competencia fiscalisar.

Sirva-se V.S.ª, sr. Redactor, dar cabimento a estas mal traçadas linhas para que se restitua o conceito a quem o merece.

De V.S.ª V.

José Antonio de Macedo

## NOVIDADES

**Jogo.**—O sr. administrador do concelho não tolera o jogo nem transija de modo algum com a vontade dos que n'este concelho estão abusando das disposições legais e policiaes em vigor sobre o jogo, mas não obstante continúa a jogar-se fortemente a toda a hora e até altas horas, o trinta e um, no café central do sr. José Lopes d'Albuquerque!..

**Operação.**—Pelos snrs. facultativos Lima, Christino e Paulino foi operada d'um scirro no peito sr.ª Rosa de Souza Guimarães, viuva, de Barcelinhos, sendo-lhe applicado o chloroformio.

Sabemos que tanto a applicação d'este, como o desempenho d'aquella, foram coroados do melhor exito apesar das difficuldades que tiveram a vencer.

**Uma corveta de prata.**—Foi offerecido a el-rei o sr. D. Luiz um objecto artistico de grande merecimento. É uma miniatura correctissima da corveta portugueza «Bartholomeu Dias», executada em prata pelo sr. Francisco Celestino Dias, um artista muito notavel.

O navio mede de comprimento apenas 0,23 e de bocca 0,037. Casco, mastros, vergame e poleame são de prata dourada, e o aparelho de prata em branco. Assenta sobre uma base de ebano, de forma elliptica, tendo de um lado as armas, com o escudo bipartido, de Portugal e Sahoyá.

**Fallecimento.**Finou-se no Porto, sendo a sua morte geralmente sentida, o sr. dr. Pinto d'Aguiar, leote da Academia, Presidente da Camara Municipal do Porto e par do reino. O partido progressista perdeu n'este um de seus mais dedicados membros.

**Vingança terrivel.**—Escrevem de Ribeira d'Ancora:

Desapparecera ha dias da casa de sr. Miguel Pereira, de Villarelho, suburbios de caminha, uma sua filha de 27 mezes de idade; haviam-se posto todos os meios em acção para descobri o seu paradeiro, quando no fim de cinco dias foi encontrada morta em um alto monte, a distancia de duas horas de caminho da casa paterna, sendo certo e evidente que ahi fôra posta pelo assassino em perfeito estado, cobrindo parte do corpo comervas. A mãe da criança, que se achava no seu estado interessante, ao saber o tragico fim de sua filha, foi tal o sobresalto, a dor e o desespero, que a fez abortar, sendo

tal o seu estado, que a sciencia julga impossivel salvar-a. Indigita-se como auctor d'este triplo assassinato um tal Monteiro, homem de maus procedentes, reservado e dado e vinganças, o qual por odios antigos jurara vingar-se do pae da creança, satisfazendo agora os seus instinctos ferozes na sua innocente victima, segundo affirma a opinião publica. Diz-se que o tal Monteiro a tivera escondida viva ou morta em sua casa durante alguns dias, indo collocal-a por ultimo no monte onde foi encontrada. Ah! compareceram as auctoridades judicias de Caminha para a formação do auto, n'essa occasião, apparecendo ahi tambem o tal Monteiro, ea não ser a presença da auctoridade o povo teria feito justiça por suas mãos. Sendo conduzido em seguida o cadaver para a santa casa da Misericórdia de Caminha, para sa proceder á autopsia, declararam os peritos que a morte fôra produzida por estrangulação, apresentando diversas manchas no pescoço e completamente são o resto do corpo. Instaurou-se processo, o qual corre os tramites e formalidades da lei.

**Horriavel.**—As scenas verdadeiramente horrorosas que em seguida referimos acabam de passar-se nas proximidades de Torres Vedras:

Vivia no logar da Cruz Alta um moleiro, chamado Francisco Maria, que não completara ainda quarenta annos de idade, e que não vivia com sua mulher, Eufemia, na melhor intelligencia.

Questionavam frequentes vezes, e como elle fosse dado ao abuso das bebidas alcoholicas,—quando a casa se recolhia ebrio, zurzia a esposa e ameaçava-a de morte.

Na sexta-feira, já bastante entrada a noite, recolheu-se Francisco ao moinho; como fosse um pouco alegre, segundo o seu costume, altercou com a mulher, e o resultado da questão foi elle pegar n'um grande malho, com que ajustava as cunhas entre as mós e o eixo, e descarregal-o sobre Eufemia, que no mesmo instante caiu redondamente morta.

Eram 41 horas da noite, e os cinco filhos que do casal existiam, ficaram sós no moinho, acompanhando o sangrento cadaver de sua mãe.

O moleiro foi-se pelos campos fóra. De manhã, as crianças deram, ao acordar, com o pavoroso espectáculo e saíram para a rua em grandes berros.

As primeiras pessoas que acudiram foram dois moços de padeiro, que iam buscar farinha ao moinho.

Lá dentro encontraram o cadaver que pouco depois era levado para a egreja do Gradil.

O assassinio metten-se n'uma carroça até Loures, e d'aqui dirigiu-se a casa de um irmão, onde só encontrou a cunhada.

Disse-lhe elle: —Acabei com minha mulher por uma vez! Peguei n'um malho e estendi-a!

Depois referiu como tinha commetido o crime, como deixara os pequenos sosinhos, e accrescentou por ultimo:

—Toma dinheiro: aluga uma jugeta e vai ao enterro.

Amedrontada a pobre mulher, e mesmo sem acreditar totalmente no que lhe dizia o cunhado, calou-se, e apenas á despedida lhe disse timidamente:

—Se é verdade o que acabas de contar, deves suicidar-te.

Francisco Maria saiu de casa de

seu irmão e foi-se pelas terras fóra seguindo o antigo trilho do Larmatjat, até á Venda do Pinheiro. Ahi, na taverna que ha no largo, comprou um litro de aguardente n'uma botija. Depois seguiu caminho, como se quizesse dirigir-se ao Turcifal.

Proximo d'esta povoação encontrou um trabalhador, o Joaquim da Burra, seu velho amigo, e referiu-lhe o mesmo que tinha contado á cunhada. Instou com Joaquim para que bebesse aguardente, mas o outro recuzou tenazmente!

Francisco esgotou sósinho o litro da bebida, e por fim caiu no chão como um cadaver. Succedia isto no meio de uma vinha, em grande descampado, e o sol era terrivelmente abrazador.

O trabalhador Joaquim viu o seu amigo por terra, e como fortemente o impressionassem as revelações d'elle, foi-se por ali fóra em cata das auctoridades que mais proximas lhe ficassem, dizendo com os seus botões:

—Dorme socegado, que ás seis horas eu te acordarei.

Quando o regedor e dois cabos de segurança chegaram ao local onde Francisco Maria ficára estendido, encontraram-o na mesma posição e sem nenhum accordo: estava morto.

Mais tarde, no auto de corpo, de delicto, indicaram os peritos que a morte fôra devida a uma congestão cerebral, originada pela grande absorpção de alcool e pela exposição aos ardentes raios do sol.

O assassino tinha consigo um papel, cheio de letras quasi intelligíveis, mas que pacientemente decifradas queriam dizer que matara a mulher por ciúmes. Declarava elle que a mulher estava grávida d'um tal Fulgencio, cabreiro, e recommendava aos irmãos os seus dois filhos mais velhos.

«Aquelles dois, dizia o escripto, são meus a valer; os outros são bastardos!»

**ANNUNCIOS**

**SUCCESSAS**

DA  
Companhia União Popular  
Penhorista  
LEILÃO DE PENHORES

Nos dias 26 e 29 de junho, serão vendidos em leilão todos os penhores que, por falta de pagamento de juro foram julgados abandonados. Ha variedade de roupas para diversos usos, quantidade de objetos d'ouro e prata.

O leilão effectua-se na rua de baixo em Barcelinhos, desde as 2 horas da tarde em diante.

Avisão-se os snrs. mutuários, a vir até o dia 25, reformar, ou resgatar seus penhores.

(9)

**ALLUGÁ-SE**

Manoel Rodrigues da freguezia d'Oliveira, deste concelho, tem um carro de quatro rodas, puchada

por um cavallo, que aluga por preço commodo; as pessoas que da sua freguezia ou de outra qualque podem vir n'elle, todas as quintas-feiras para Barcellos;—tambem o alluga para qualquer parte.

(5)

**ALLUGA-SE**

Manoel José Ferreira Ramos, alluga parte da sua casa do largo da cadeia, quem pertender dirija-se ao mesmo.

O mesmo tem para vender uma porção de matto nas suas Bouças em S. Verissimo tanto na do Vau, como na de Freitas, a tratar com o annunciante.

(6)

**COMPANHIA PORTUGUEZA**

DE

SEGURO DE VIDAS DE ANIMAES  
SOCIEDADE ANONYMA DE RES-  
PONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 500:000\$000 réis

Esta companhia toma seguros contra o risco de morte nos animaes de todas as especies existentes em qualquer ponto do paiz.

São por este meio convidados todos os proprietarios lavradores e creadores a comparecerem n'esta agencia aonde se prestam todos os esclarecimentos precisos para se effectuar este importante e vantajoso ramo de seguros.

**SÊDE DA COMPANHIA**

RUA DA FIGUEIRA, N.º 2

**LISBOA**

O agente Domingos de Figueiredo Morador na rua P-reita de Barcelinhos.

(3)

**O VIGOR DO CABELLO**

Do dr. Rubber é o melhor producto inglez conhecido e recommendado em Iglaterra para os seguintes fins:

1.º Completa renovação do cabello branco á sua primitiva côr, preto, castanho ou louro.

2.º Provocar a nascença e crescimento do cabello fraco, e de outro que tem caído por doença.

3.º Conservar o casco livre de doenças, e faser dissipar a caspa

infallivelmente ao cabo de dois dias.

4.º Fortalecer o cabello dando-lhe um brilho muito agradável, tornando-o muito sedoso e macio, tendo a vantagem de não manchar o casco da cabeça ou a roupa branca, não alterando o seu effeito á acção do sol ou do suor.

Emfim o «vigor» do dr. Rubber (visto o cabello branco ser uma doença como outra qualque) é o remedio infallivel que deve ser usado por todas as pessoas que se desejem curar de uma molestia que não respeita muitas vezes nem as pessoas novas.

O «vigor» do dr. Rubber, é hoje o melhor preparado para conservar o cabello, dando-lhe o brilho da juventude, assim como tambem é o preparado mais economico, porque os frascos são muitissimo grandes.

**O restaurante do dr. Rubber.**—A applicação do restaurador da belleza, torna a cutis macia e alva, dando-lhe a formosura da mocidade, tira as sardas, panno da cara e o tostado do sol.

O Restaurador da belleza deve ser usado por todas as senhoras elegantes em lugar de pó de arroz, porque torna a cutis muitissimo clara e não se pôde conhecer a sua applicação, o que não acontece com o pó de arroz, que muitas vezes faz effeito contrario ao desejo.

As plantas mais hygienicas entram na sua fabricação, o que faz com que tenha um cheiro muitissimo agradável e penetrante. O restaurante do dr. Rubber tambem é muitissimo recommendavel para banho, no qual uma quarta parte do conteúdo de cada frasco dá um bello aroma e torna o corpo aveludado.

**La tintura do dr. Rubber.**—Torna rapidamente o cabello á sua primitiva côr, preto, castanho ou louro.

A prova que esta tintura não tem ingredientes que a tornem nociva, é que pôde ser usada no cabello, bigode e barba, sem deixar mancha alguma tanto na cutis como nes colarinhos.

**Óleo do dr. Rubber.**—Todas as pessoas devem ter presumpção na formosura do cabello; o dr. Rubber inventou um preparado a que poz o nome de OLEO (mas que não é), cuja applicação na cabeça penetra nas bulbas capilares, faser nascer e crescer o cabello debil, e fasedo e outro que tem caído por doença, dando-lhe força e brilho.

Este preparado é o unico do seu genero que dá lustro ao cabello tornando-o flexivel e sedoso; sem deixar NODDA alguma, o que não acontece com oleos e pomadas, que jam o casco da cabeça, coadjuvando a formação da caspa.

A venda no Porto, drogaria medicinal do Abreu, rua Bellomonte n.º 8 e 10.

Deposito e agencia geral em Portugal para onde devem ser dirigidos todos os pedidos e esclarecimentos Antonio Dias rua do Arco do Miquez d'Alegrete, 65, Lisboa, drogaria Lusitana.

(10)

**EDITOR RESPONSAVEL**

João de Sá Faria

RUA DIREITA, Imprensa do cellense.